

“É aqui o acolhimento das mães?”: Acolhimento como ativismo no movimento Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte

Clara Cazarini¹

Resumo: O presente artigo se centra em uma das diversas formas de atuação política do coletivo Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte. O foco é o atendimento prestado voluntariamente pelas ativistas do coletivo a qualquer pessoa que as procure para pedir conselho, desabafar, conhecer o coletivo. O objetivo dos encontros é também conectar pais e mães que militam em apoio à suas filhas e filhos LGBTI+ com pais e mães que estão em processo de estranhamento ou desaprovação da orientação sexual e/ou orientação sexual de filhas e filhas. A partir da imersão etnográfica no “plantão de acolhimento” que ocorre desde 2017 duas vezes por semana em horário fixo dentro de equipamento cultural público municipal, trago a discussão do acolhimento como forma de ativismo, desdobramentos desta prática e como essa atividade se constrói em relação ao público que recorre ao “atendimento das mães”. Para tal primeiro apresentarei o cenário, as personagens atuantes no atendimento e então passarei para relatos de campo que elucidam diferentes formas de acolher seguido pelo diálogo com outras produções da área que discutem repertório de ação e apontam a complexidade do acolhimento.

Palavras-chave: acolhimento; família; repertório de ação; movimentos sociais.

¹ Doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Este artigo versa sobre o Coletivo Mães Pela Diversidade da cidade de Belo Horizonte que foi fundado em 2017 como um braço do movimento nacional de mesmo nome em que mães e pais de pessoas LGBTI+ militam pelos direitos e vidas dessas pessoas. A investigação central deste texto está relacionada a sua forma particular de repertórios de ação que se encaixam em formas de ativismo que contribuem para o enfrentamento da violência à pessoa LGBTI+ na família. O acolhimento do Mães pela Diversidade de Belo Horizonte é o encontro entre dois tipos de relações familiares de um lado mães e pais que militam orgulhosamente em prol das pessoas LGBTI+ e do outro mães e pais que desaprovam a sexualidade e/ou identidade de gênero de filhos e filhas. Esse encontro gera uma atuação ambivalente das mães e pais que acolhem pois conciliam a escuta empática com o confronto. A comum identificação entre pais de pessoas LGBTI+ permite que o diálogo franco tome lugar e que os sentimentos recorrentes como quebra de expectativa, vergonha e confusão sejam entendidos por um semelhante que já experienciou situação similar. Ao mesmo tempo, o espaço do acolhimento é também marcado pelo confronto entre mães e pais que “aceitam” e mães e pais que “não aceitam” e se torna evidente a partir do contraste que repelir a sexualidade e ou identidade de gênero de filhos e filhas não é uma questão fechada e também não é a única forma de lidar, afinal, existem mães que militam publicamente pelos direitos das pessoas LGBTI+.

A “aceitação” conforme discutida pelo antropólogo Leandro Oliveira (2013) tem amplos sentidos, mas que comumente pode ser entendido como o acesso, permanência e pertencimento das pessoas lésbicas e gays – que são os principais interlocutores da tese de Oliveira – em redes de relacionamento com a família de origem. As tensões que se implicam na “aceitação” perpassam por negociações em que filhos e filhas precisam devolver à mães e pais algo que simbolize sua retribuição pela dádiva da tolerância à “sexualidade dissidente” (2013, 209). Nesse aspecto o discurso das Mães pela Diversidade de Belo Horizonte, rompe com a noção de aceitação que

implica a obrigação filial da gratidão, mas enfatiza a necessidade de “entender”. É recorrente no discurso durante os plantões de acolhimento a noção de “entender o lugar de seu filho no mundo”. O amor materno altruísta é colocado como motivo suficiente para deslocar a mãe de um lugar de julgamento e vergonha para a necessidade de ter empatia e amor “Quando você tá grávida ou você tá esperando o juiz te conceder a adoção você não sabe quem vai vir pra você, você ama, você escolhe amar. Não tem isso de aceitar, tem é que entender! Quando você entende o lugar do seu filho no mundo você vê, você entende, você tem medo e quer brigar por eles!” me disse Zélia², coordenadora e fundadora do coletivo em Minas Gerais, em um dos plantões mostrando a argumentação utilizada para implodir as limitações que podem existir no amor materno. Além disso, o “entender” o filho ou a filha LGBTI+ implica em uma atitude ativa, que pressiona por militar por elas e eles. A palavra de ordem considerada lema pelas Mães de Minas Gerais é: “Quando o amor transborda se transforma em ação”.

O convite para transformar o amor em ação também é visível quando as próprias mães falam sobre o funcionamento do plantão de acolhimento: “a mãe chega pra ser acolhida e depois vai ficando e vai acolhendo também. A mãe que acolhe, também se acolhe” elaborou Zélia em uma conversa que tivemos sobre o plantão. Percebe-se a função também de cooptação ao movimento do acolhimento, as mães chegam para serem acolhidas e ao ficarem convencidas pela necessidade de “entender” passam a integrar o movimento e a realizar acolhimento de outras mães e participarem de demais ações do grupo.

Ir ao “plantão de acolhimento” significa ir à região hipercentro da cidade de Belo Horizonte. Entre os equipamentos públicos municipais a cidade conta com o Centro de Referência da Juventude (CRJ). Localizado no coração da capital mineira, sendo um dos edifícios do complexo da Praça da Estação, onde está situada a estação central do metrô da cidade e cercado por diferentes pontos e estações de ônibus é um

² Os nomes foram trocados para preservar a identidade das pessoas que participam dos relatos de campo;

local de fácil acesso para usuários de transporte público. Conforme o trabalho do jornalista Bruno Vieira (VIEIRA, 2019) o CRJ foi um projeto proposto em 2006 na 3ª Conferência Municipal de Juventude de Belo Horizonte.

O prédio do CRJ funciona de segunda à sábado, recebe em sua área comum jovens da capital e região metropolitana que ocupam recitam poemas, ligam seus celulares e caixas de música e dançam individual ou coletivamente, encontram para socializar, expõem trabalhos de artes visuais, ou qualquer outra forma em que se sintam à vontade. O local conta com salas fechadas e auditórios que podem ser utilizados mediante marcação de horário. E bem no centro do imóvel são localizadas duas salas de vidro, chamadas de “salas aquário”. A segunda sala voltada para um espaço aberto todo grafitado dentro do prédio é o local em que as Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte utilizaram a partir do ano de 2017 para realizar seus plantões semanais também colorindo o espaço do CRJ.

Os plantões eram espaços muito diversos além das mães plantonistas a procura variava muito de públicos: pessoas LGBTI+ pedindo “colo de mãe”, familiares “arrastados” por filhas ou filhos ou encaminhados por psicoterapeutas, mães que queriam participar do movimento, pais confusos em busca de informações, LGBTI+ em busca conselhos de como lidar com suas relações familiares, e dependendo do dia os diferentes públicos também poderiam se encontrar todos na mesma mesa. Cabia às mães a gestão das emoções e traçar uma estratégia para atrair a cada pessoa que chegava à procura delas.

Rua Guaicurus, 50 – Toda segunda-feira das 18:00 às 19:00

Rotineiramente eu ia ao acolhimento toda segunda-feira entre junho de 2018 e maio de 2019. Com horários consolidados, o movimento Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte tinha um compromisso fixo: ao menos uma mãe deveria estar na sala

aquário. Apesar do encerramento ser marcado para o horário de 19:30, caso o acolhimento se estendesse, como já ocorreu diversas vezes, poderia durar até as 22 horas, horário que o CRJ encerrava as atividades. As mães se organizavam entre si via grupo de WhatsApp para revezar na ida ao plantão, sempre tentando garantir que houvesse duas presentes.

Para ser uma das Mães plantonistas não era necessário um treinamento ou um perfil pré-definido, bastando ser integrante do movimento, e estar disposta a comparecer ao CRJ no horário do plantão. Raramente se contava com apenas uma plantonista, podendo muitas vezes chegar a ter quatro ou cinco Mães. Como era às segundas-feiras, às 18 horas, muitas das plantonistas iam direto do trabalho, às vezes contando que tinham colocado a camisa do movimento no banheiro do serviço antes de irem ao CRJ. Um detalhe importante é que o uniforme não era recomendado ou obrigatório, mas elas faziam questão de usar e declarar em qualquer oportunidade o quanto gostavam de vesti-lo, e contar das vezes que publicamente foram reconhecidas ou até questionadas pelo seu uso.

No caso de alguém previamente entrar em contato avisando que iria recorrer do acolhimento, as mães tentavam se preparar para que ao menos uma das plantonistas presentes fosse mãe de uma filha ou filho que, segundo elas, “a letra corresponde”³. Desta forma, avisadas que uma mãe e/ou pai de uma filha lésbica iria ao plantão, o movimento se organiza para que haja uma mãe de lésbica no plantão, pois compreendem que isso cria mais empatia e até mesmo uma ajuda mais direcionada para que essas pessoas atendidas “entendam o lugar do filho no mundo”, assim como o seu próprio lugar. A estratégia, que chamo de identificação, é recorrente e será mais bem explorada em um dos relatos apresentados, em que a mãe de uma jovem lésbica se sente desconfortável por não partilhar as mesmas vivências dos pais

³ As Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte classificam suas/seus filhas(os) por letras de acordo com a sigla LGBT.

de uma mulher trans.

Gerir as emoções, no caso das Mães que acolhem, passa por demonstrar somente as partes em comum e interessantes para aquela conversa. Não podemos esquecer que se trata de um movimento que tem um objetivo: é preciso direcionar a fala no sentido de acolher para também confrontar e direcionar para a aceitação, ou - utilizando o termo êmico - “entendimento”. Se trata de um movimento social que é perpassado por diversas emoções, e esse trabalho irá analisar também a partir desse viés, após apresentar casos que exemplificam e demonstram como são as gestões para conciliar a situação da pessoa acolhida, com também oferecer uma outra perspectiva através da significação positiva das identidades e sexualidades de pessoas LGBTQIA+.

Por mais que a subjetividade perpassa a fala e condução da situação por cada uma das Mães, gerir a emoção significa também se adaptar de forma estratégica para realizar o acolhimento que não existia com o objetivo de apenas escutar, mas de apresentar outras formas de viver, de lidar com as sexualidades e identidades de pessoas LGBTQIA+ e de se portar no mundo. Tudo isso era feito de maneira a tentar transformar e mudar pessoas que não aceitavam ser pais e mães de pessoas LGBTQIA+ através do diálogo com as plantonistas, que estavam ali compartilhando de alguma forma a mesma identidade, mas, contudo, encaravam aquela situação de outra maneira, e transformaram seu amor e orgulho também em luta.

Relato 1

Dia 18 de Junho de 2018. Nesse dia duas mães chegaram antes: Zélia atravessou a Praça após descer do ônibus, era possível reconhecê-la de longe, passos firmes, um sorriso irreverente e vestida com seu uniforme de luta, que sempre trajava nos atendimentos: a camiseta com a logo do movimento, um coração que

representava a mãe abraçando sua/seu filha(o).

Rita chegava também uniformizada, vinha tranquila, em concordância com sua personalidade calma, muitas vezes acompanhada do marido que também era um membro ativo do coletivo. Ao entrarmos uma das mães ia na direção da administração do CRJ, local em que fizeram mais aliados, os funcionários eram muito colaborativos e solícitos com todas suas demandas. Lá fica guardada a grande bandeira arco-íris. Sempre arrumávamos a sala e nos distribuíamos nas cadeiras em volta de uma grande mesa oval, com a bandeira esticada no centro.

Como de costume era possível ver semblantes de procura se transformando ao se deparar com a bandeira, mudando a postura de quem chegava e se dirigia à porta perguntando se ali estavam as “Mães Pela Diversidade”. Foi o que mais uma vez ocorreu nesse 18 de junho, Ana estava acompanhada de seu filho de 20 anos e ambos entraram na sala para o acolhimento. Zélia explicou que era a coordenadora do movimento, mãe de um menino gay e enquanto apresentava o movimento Maria pede licença, e ela e seu filho se sentam ao lado de Ana. Observei que seus filhos se cumprimentaram pelo nome, e pareciam ter uma relação próxima. Zélia continuou falando sobre o movimento:

“Vocês chegaram até aqui devem fazer uma ideia de quem somos, mas vou explicar um pouquinho. O Mães Pela Diversidade é formado por mães e pais de LGBTQIA+, e foi fundado em São Paulo e estamos aqui porque assim como nossos filhos nós saímos do armário e temos muito orgulho de quem eles são, pode ser gay, lésbica, trans, bi, nós amamos nossos filhos e o nosso amor que nos trouxe aqui. E agora quero saber de vocês! Se apresentem!”.

Ana se apresentou e disse que estava acompanhada de seu filho trans, o rapaz havia comunicado há pouco tempo sobre sua transexualidade para a família nuclear. Apesar de se equivocar a todo tempo no uso dos pronomes ao falar dele, a mãe disse que aceitava o rapaz, mas que estava muito difícil lidar com seu comportamento

agressivo. Por outro lado, Maria, que chegou para ser acolhida no mesmo plantão que Ana, se apresentou como “mãe do Davi” e ambos fizeram um gesto de carinho em que Davi repousou sua cabeça no ombro de Maria, que fez um afago em seu rosto.

Para que Ana, que carregava um semblante muito sério, fosse acolhida, Zélia perguntou sobre a transição de seu filho, e como estavam as coisas na família. Então, Ana começou a reclamar que Matheus não sabia se comportar em suas relações com outras pessoas, que ele arrumava briga com toda sua família através das redes sociais. De prontidão Matheus a respondeu que ele estava em seu próprio perfil, e um tio havia ido até ele o provocar e falar coisas preconceituosas, e ele não iria se calar.

“- Você não pode responder assim, Matheus! Falar com seu tio dessa maneira! Ele veio falar comigo. Se você não concorda não precisa responder!”

“- Mãe, é um absurdo o que ele falou! Não, é meu perfil e eu falo como quiser, ainda mais com quem vem falar merda!”

Por mais que Matheus não fosse mais uma criança ou adolescente, Ana se sentia responsável pelas relações estabelecidas entre ele e sua família extensa. Um esforço enorme era feito para que pudesse haver um contato pacífico entre o tio, claramente transfóbico, e o rapaz trans, contudo da parte de ambos era visível que o diálogo não era uma opção. A briga era entre o tio e o sobrinho, contudo a mãe se sentia responsável pela mediação. A resposta para o embate estava muito óbvia para ela: Matheus deveria se controlar, as atitudes do filho recaem sobre Ana como se houvesse alguma questão relacionada à educação dada a ele e ela era quem deveria naquele momento conter o dano, fazendo com que seu filho se desculpasse.

Ana estava muito nervosa, Davi entrou na conversa dizendo que Matheus não deveria aceitar que alguém falasse com ele da forma como o tio o fez, nesse momento Zélia interrompeu a conversa pedindo que ela pensasse no lado do filho, contudo Ana endureceu mais nesse momento e começou a dizer esse comportamento também afetava as relações familiares dela. Ao perceber que os ânimos estavam muito

alterados Zélia mudou de postura, respirou firme e se voltou para Matheus.

“- Matheus, que tal você pegar mais leve com seus parentes? Você não precisa responder com agressividade. Ignora seu tio, ele quer confusão e você não precisa dar isso a ele.”

Zélia aconselhava Matheus e pedia que ele ficasse mais tranquilo nas relações, que não se sujeitasse a qualquer comentário, por mais ofensivo que fosse, e que pensasse no lado de sua mãe. Enquanto essa conversa acontecia, Ana se acalmou um pouco. Rita, que tem uma voz muito doce e um jeito muito calmo de se impor, entrou na discussão para amarrar o que havia acontecido de forma a encaminhar o que foi dito para um fechamento que pudesse de fato acolher a todos.

“- Ana, nós entendemos como você está, ter que lidar com sua família toda, com a transição do seu filho. Matheus nos ouviu e irá se acalmar e não aceitar ataque de quem não tem nada de bom para dizer, não vai, Matheus?”

Ana e Matheus concordaram, Rita continuou e levou o assunto para outro lado contando experiências de sua vida com seu filho gay, até que o clima pesado se esvaísse junto com a chegada de outro tópico para a conversa. Rita contou sobre diversas vezes que seu filho, Paulo, não cumpriu as expectativas que a sociedade tinha em relação a sua performance de masculinidade, e como teve que lidar com ele e sua família extensa, precisando estar entre uma criança e seus parentes na linha tênue entre defender e acolher seu filho, e não gerar atrito e motivos para mais desgastes em relação a isso com sua família. Apesar de toda essa movimentação, era possível ver que Ana não estava ainda tranquila, contudo, as mães preferiram encerrar a conversa e trocar telefones. Outro procedimento padrão de todos os encontros era a troca de contatos, e assim que dali saíssem Zélia colocava quem ela acreditava que já estava pronta para entrar no grupo de WhatsApp, caso contrário ela iria conversar pessoalmente para continuar a acolher. Zélia analisava se a mãe estaria disposta a dialogar no grupo, que trazia diferentes questões e também servia como local de

organização entre elas, ou se ainda era melhor realizar o acolhimento individual até que esta mãe se sentisse à vontade para conversar com as outras integrantes do coletivo. Havia grupos específicos, como esse maior de diálogo e organização, grupo para pais e mães de pessoas trans, grupo das pessoas mais ativas, e possivelmente outros. Nunca tive acesso a nenhum desses grupos, e não sei exatamente quantos mais eram, mas os destacados eram sempre mencionados por elas.

O plantão acabou para mim por volta das 21 horas e fomos todas e todos embora para casa. Contudo, meses após o ocorrido, Zélia me contou que o acolhimento daquele dia continuou em conversa no WhatsApp. Apesar de ter tido um comportamento para conter os danos, Zélia precisou acalmar Matheus para ganhar a confiança de Ana, e assim pôde conversar com ela sobre a agressividade de Matheus ser uma resposta a ataques que recebia o tempo todo da sociedade, e que vinham diretamente na figura do tio. Zélia sempre que tinha oportunidade para ilustrar como o plantão funcionava, com seus possíveis desdobramentos, dava de exemplo o caso de Ana. Ela conta que essa conversa que tiveram depois do acolhimento fez com que Ana começasse a pensar mais pela perspectiva do filho. Na semana seguinte, Ana estava lá para acompanhar o acolhimento. Continuou voltando, entrou para os grupos de WhatsApp e passou a frequentar os acolhimentos como acolhedora. Além disso, Ana se envolveu nas diversas demandas do coletivo, participou da organização de eventos do movimento, passou a frequentar manifestações na rua, todas essas ações a tornaram uma das mães mais ativas do coletivo. E no dia 14 de junho de 2019 Ana, a mãe que brigou com o filho em seu primeiro plantão em 2018, representou o movimento Mães Pela Diversidade discursando para 250 mil pessoas sobre entender seu filho e ter orgulho dele, em cima do palco da parada LGBTQIA+ de Belo Horizonte.

Relato 2

Era mais uma segunda-feira, o sol de agosto se pondo indica que é hora do acolhimento começar. Toda segunda a rotina se repete, mas cada semana é única. Naquele dia 27 o relógio já chegava às 18:30 e nenhuma das pontuais Mães Pela Diversidade havia aparecido no CRJ. De todas as vezes em que estive com elas, nunca haviam chegado depois das 18 horas, e o acolhimento era inadiável, toda segunda-feira era certo de se encontrar uma das Mães por lá. Resolvi não desistir por saber a importância que é dada a esse compromisso assumido por elas, e continuei esperando. 18:35 chegou Nancy, logo avisou que nenhuma outra Mãe podia, então mesmo atrasando um pouco se prontificou, pois o acolhimento não pode ficar vazio, mesmo que não vá ninguém para ser acolhida(o). 5 minutos depois que o acolhimento estava funcionando um senhor e uma senhora, ambos de mais ou menos 55 anos, colocam a cabeça para dentro do aquário e ele pergunta: “A Alberta está? É aqui o atendimento das Mães?”. Nancy logo respondeu que Alberta não estaria lá, mas que ambos poderiam entrar e sentar. Assim que se acomodaram Nancy se apresentou contando um pouco sobre quando descobriu que sua filha era lésbica, o período de aceitação e como se tornou Mãe Pela Diversidade, e pediu para que se apresentassem: “Eu sou Magno e essa é a Margarida, minha esposa. A nossa psiquiatra nos indicou procurar vocês, falou que conhece a Alberta que faz parte desse grupo. O que acontece é que nosso filho ele mudou para Natal pra trabalhar, mas aí quando gente foi ver ele, ele estava de cabelo grande, o busto crescendo, acho que ele nem foi pra trabalhar, foi pra fazer isso. Mas o que acontece é que a gente não aceita, somos adventistas!”. E assim, começava mais um acolhimento. O acolhimento girou em torno da não aceitação do pai, a filha não fala diretamente com ele, apenas com a mãe, sempre chamada pelo seu nome próprio: “Margarida está em casa?”, como fizeram questão de repetir diversas vezes. Margarida disse não ter tanto problema com a filha. Entretanto, Magno invocou diversas vezes sua religiosidade para afirmar que aquilo “não deve ser assim, não é normal, nasceu homem, vai morrer homem!”, o que fez Nancy compreender que, por mais que ambos estivessem ali para tentar ter um relacionamento mais próximo e saudável com a filha, ela já não tolerava mais esse tipo de violência.

Depois de muito ouvir sobre os posicionamentos da família em relação a identidade de gênero da filha pergunta: “Qual o nome dela? Ela tem um nome com o qual se identifica? Que ela escolheu?”, Margarida, que pouco falou durante toda a conversa responde: “É Léia!”. Nancy então explica para ambos que a relação com Léia só poderia melhorar caso não a chamassem por vocativos masculinos, e nem invocando seu nome de batismo, que foi dito algumas vezes durante o plantão. Margarida, disse que poderia tentar, Magno perplexo então pergunta para Nancy: “O Estado não é laico? Então eu não posso te impor minha religião, ninguém pode. Mas aí, o que acontece, esse movimento LGBTQIA+ tá querendo que a gente aceite, que todo mundo tem que achar normal! Quer impor isso! Passa na televisão, e a gente tem que aceitar. Isso tá igual religião, é uma seita! E o Estado é laico, e quer impor, obrigar a achar normal!”. Neste momento a conversa já durava mais de hora,

e aparentemente caminhava bem, contudo esse questionamento fez Nancy perceber que haviam barreiras maiores a serem derrubadas. Nancy respirou fundo e teve que, com muita calma e buscando ser bastante elucidativa, debater em termos de porque a busca pelo respeito e direitos da população LGBTQIA+ não era uma imposição de sua sexualidade e/ou identidade de gênero. Primeiramente, Nancy perguntou a Magno se ao assistir uma novela ele deixaria de ser heterossexual, Magno disse que claro que não, que nada abalaria sua sexualidade, mas que a forma como aparece é para impor que aquilo seja normal. Nancy, por sua vez calmamente perguntou a ele se caso alguém colocasse uma arma em sua cabeça e o desse duas escolhas ou ele se tornaria homossexual ou morreria, qual seria sua decisão, rindo Magno respondeu que “viraria gay!”. Então, muito séria e firme Nancy o perguntou se mesmo se tornando homossexual para salvar sua vida ele deixaria de ser heterossexual, e ele respondeu que jamais o deixaria de ser, mesmo nesse caso. Com esse argumento do próprio Magno, Nancy aproveitou para afirmar a ele que não é possível impor nada a ninguém: “o que a pessoa é, não tem como mudar, não tem como impor nada a ninguém!”. Magno refletiu e disse que ela estava certa nesse sentido, contudo voltou a afirmar que socialmente não se pode agir como se tudo aquilo fosse normal. (Relato de Campo, Belo Horizonte, 27 de agosto de 2018)

No dia 27 de agosto de 2018, Magno e Margarida chegaram indicados por sua psiquiatra. Não entendiam, não aceitavam, mas queriam ter uma relação melhor com sua filha. Em conversa com Nancy, ela me contou que não se sentia preparada por não ser mãe de uma pessoa trans, contudo a partir de seu relato sobre ter tido dificuldades com a aceitação de sua filha, criou uma conexão necessária com o casal. Durante todo o acolhimento, Nancy utilizava o pronome feminino quando se referia a filha do casal, por perceber que se tratava de uma mulher trans, o que foi confirmado pelos pais ao longo da conversa.

Este acolhimento em específico mostrou o quanto questão religiosa é um empecilho para a aceitação das sexualidades e identidades de gênero dissidentes. A primeira colocação feita por Magno foi a sobre sua religião como motivo da não aceitação, e mesmo que Nancy e eu tivéssemos tido a sensação de que durante a conversa houvesse um afrouxamento do impeditivo da distância com a filha, Magno nos surpreendeu com um discurso que começou com um questionamento, chamando a busca por direitos das populações LGBTQIA+ de imposição e seita, entre outros

comentários sobre compreender que a transexualidade de sua filha seria uma “doença” mental e social, e que sua religião não estaria de acordo com aquilo. Considero que Nancy levou a conversa de uma forma muito tranquila, pois dava resposta a cada argumento levantado por Magno, mesmo dizendo coisas que ele e a esposa não ficaram satisfeitos em ouvir, como a necessidade de chamar a filha pelo pronome correto, ponto que enfatizava, sempre chamando por “ela”, ainda assim não percebi um tom de embate. Tive essa percepção também em relação a Magno ouvindo de forma atenta, mesmo não concordando com tudo, mas compreendendo cada ponto levantado por ela. Ele olhava diretamente para Nancy enquanto ela falava, assentia com a cabeça, mas ao ouvir o pronome feminino endereçado a sua filha, fazia uma expressão que parecia involuntária, quase como um tique nervoso, e não a respondia de pronto, como contei no relato, esperando a sua hora de falar.

Estar neste plantão foi muito importante para que eu percebesse algo que já havia sido dito e repetido diversas vezes pelas mães sobre como é difícil acolher e tornar um pai ou uma mãe cristãos praticantes em pessoas orgulhosas de suas/seus filhos e filhas LGBTQIA+. Quando foi feita a proposta de como resolver o problema da relação com a filha, que envolvia o uso de seu nome social e pronomes no gênero feminino, se ergueu uma barreira com questões e discursos religiosos. Nancy se sentiu muito desafiada por lidar com um caso no qual a filha em questão não correspondia à “mesma letra” que a de sua filha lésbica, mas principalmente pela questão religiosa. Mesmo com essas questões percebi que, quando Nancy contou sobre os embates que teve com sua filha, quando esta se assumiu, e a dificuldade de aceitação no primeiro ano, fez com que Magno e Margarida criassem empatia por ela. Ao que me pareceu, a gestão das emoções de Nancy tomou muito de sua energia. Consciente de que os pais adventistas eram um grande desafio, ela manejava cuidadosamente cada um de seus argumentos, calibrando para não ofender o pai e a mãe, mas sem renunciar ao seu posicionamento. Uma palavra mal posicionada poderia resultar na evasão do casal, e por

isso suas falas pareciam dosadas - o que foi desgastante. Além disso, a situação foi ainda mais exaustiva para ela por estar insegura em não ter uma vivência semelhante com a do casal para conseguir dividir uma experiência que gerasse empatia suficiente. Mesmo sendo uma pessoa que sempre estava presente nos acolhimentos, aquele em específico foi entendido por ela como um desafio, o qual não deixou de fazer de forma firme até o fim.

As Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte compreendem a dificuldade imposta pelas religiões à aceitação, o que muitas vezes também resulta em filhas e filhos que se dirigem ao grupo desacompanhadas(os) dos pais e mães, que não querem dialogar com o movimento. Zélia já enviou, a pedido de pessoas LGBTQIA+ que se sentiam desamparadas, mensagens para as mães chamando para conversa. As mães religiosas, em sua maioria, não chegam a responder. Desta forma, existe uma dificuldade muito maior, colocada pela questão religiosa, no acolhimento dessas mães/pais evangélicas(os) e protestantes.

Relato 3

Como toda segunda-feira, cheguei ao CRJ às 18 horas para acompanhar mais um plantão das mães. Entrando na sala de vidro vi as três mães, Fernanda, Zélia e Ana, que iriam participar daquele plantão. Elas estavam muito centradas e o clima austero, contrastando com a descontração rotineira que antecipava os acolhimentos. Percebendo que algo diferente estava para acontecer me sentei, como de costume, na ponta da mesa oval oposto a porta. Zélia tratou de me atualizar: “hoje o atendimento está marcado, é um caso bem complicado... É o pai de um rapaz trans, o Luan. Ele não aceita de jeito nenhum! A situação está tão difícil que a psicóloga do Luan vem junto, foi ela quem sugeriu, ela conhecia nosso trabalho, e falou pra trazer o pai. Acho que o pai não sabe direito exatamente o que está esperando por ele, vamos ver! Estamos aqui prontas pra conversar com ele.” Logo após me dar a explicação três pessoas chegavam na sala: Luan, sua mãe e a psicóloga. A terapeuta tomou lugar na outra ponta da mesa, ao lado da porta, a mãe de Luan se sentou ao centro, do mesmo lado de Fernanda, de frente para Zélia e Ana. “Será que ele vem?” Luan apreensivo não parava de olhar para o celular e sua psicóloga aproveitou o momento para explicar que o pai não queria aceitar a transição de Luan, ainda não sabia o nome social do filho, e queriam aproveitar aquele espaço para contar. Já eram 19:05 e o celular de Luan toca: “Gente, tô indo buscar ele!”, diz já saindo pela porta, “Ele não pode chegar

sozinho!” completou. Aguardávamos em silêncio e nem parecia que o CRJ estava repleto de movimentos, jovens, músicas, gritos, danças, a tensão parecia não nos deixar ver além dos vidros que cercavam a sala. Luan apareceu após 10 minutos com o pai, um homem de estatura baixa com o andar muito invocado entrava na sala segurando uma pochete. Jurandir deu um seco e direto “Boa noite!” e se sentou entre a mãe de Luan e Fernanda colocando a pochete na sua frente em cima da mesa, e Luan tomou seu assento entre sua mãe e a psicóloga. Como combinado, a terapeuta iniciou a apresentação e passou a palavra para as Mães, Zélia muito calmamente explicou sobre o grupo enquanto Jurandir em silêncio assentia com a cabeça bruscamente sem paciência demonstrando que estava acompanhando o que estava sendo dito. Ana, que havia sido escalada para estar ali por também ser mãe de um menino trans contou sua trajetória em relação a aceitação de seu filho e passou a palavra a Jurandir. Ele parecia estar ficando nervoso, inquieto, fazia um movimento de pegar a pochete e colocar em seu colo e poucos minutos depois a colocar na mesa repetidamente. Jurandir começou a se explicar: “Eu ouvi vocês até aqui, mas vocês terão que me ouvir também. Eu não aceito isso, não aceito. Se é o que vocês querem pra vocês, tudo bem. Mas eu não vou aceitar isso com a minha filha! Olha vocês não sabem quem eu sou, eu já vi de tudo, conheço de tudo. Esse lugar aqui com esse povo ali. Vocês acham que não conheço esse tipo de gente ali fora? Então, eu não aceito isso aqui que vocês tão falando. Se ela quer isso pra vida dela, eu não vou deixar ninguém falar dela, já quebrei um cara que veio de gracinha quando ela era lésbica, quebrei ele e o carro dele, agora eu, eu não tenho que aceitar uma coisa dessas!”. Ana retrucou com o dedo em riste, e disse: “Você tem que aceitar seu filho sim! Você tem que saber que ele tem outro nome!”, e todas as vezes que era pronunciado o nome de Luan era como se Jurandir não o escutasse. E a cada palavra ia ficando mais nervoso, e repetindo movimentos bruscos com a pochete, até que uma hora ele bateu com força na mesa e um barulho seco de metal preencheu a sala e os ouvidos de todo mundo que estava ali, a tensão conseguiu escalar ainda mais, aos que não entenderam o que aquilo significava ao longo da conversa Jurandir fez questão de afirmar, dentro da pochete havia uma arma de fogo.
(Relato de Campo, Belo Horizonte, 24 de setembro de 2018)

Sem dúvidas aquele plantão foi um dos momentos mais tensos de todo o campo, das muitas violências que também frequentavam aquele espaço, nunca havia presenciado uma ameaça tão explícita. Jurandir não chegou a insinuar que usaria a arma contra as pessoas que estavam ali presentes, mas as diversas histórias de violência física e enfrentamento que contou, o gesto incessante de colocar e tirar a pochete da mesa, e a elucidação do conteúdo dentro dela, já diziam por si só o lugar incontrariável que Jurandir queria se colocar.

Apesar de construir uma narrativa sobre si para criar uma situação de medo ao

embate com ele, as plantonistas continuaram a debater com Jurandir da mesma maneira que conduziam os encontros. Geralmente, o tom, e o ritmo do acolhimento são dados pelas pessoas acolhidas, as plantonistas tentam seguir para conseguir dialogar da melhor forma possível.

Este plantão acabou com Jurandir nervoso, mas tentando ser mais cordial se despedindo e indo embora sozinho. A mãe, a psicóloga e Luan ficaram conosco, era visível a tristeza no rosto do rapaz que tentava utilizar todas as formas possíveis de diálogo com o pai. As plantonistas ali presentes conversaram dando alento, e explicando que cada pessoa tem um processo diferente, algumas podem demorar mais e outras menos, mas que só de Jurandir ter ido e ficado até o final era sim um passo a ser comemorado.

Apenas quando os acolhidos foram embora que conseguimos respirar com calma novamente. O clima estava muito pesado, as plantonistas tinham que manter uma postura severa para conseguir enfrentar o pai, dialogar com ele, e acolher o filho e a mãe que ali estavam procurando alguma forma de melhorar a relação familiar. Somente quando estávamos a sós pudemos dizer: “meu deus, ele estava armado!”. Fernanda, que estava ao lado dele, contou que ao ouvir o barulho de ferro na mesa entendeu imediatamente que tinha uma arma na bolsa e a gravidade da situação, e que o tempo todo pensou em estratégias de abortar a conversa a qualquer mínimo sinal de que Jurandir pudesse partir para algum tipo de agressão. Conta que pensou em empurrá-lo com as pernas em direção a parede de vidro enquanto as pessoas corressem para se salvar. Zélia, Ana e eu também dividimos que o tempo todo pensávamos que em cima da mesa havia uma arma de fogo, e apesar de tudo que implicava aquele objeto posto no meio do diálogo, as mães disseram: “mas a gente não podia parar de enfrentar!”.

Discussão

Compreendendo os plantões e o acolhimento como repertórios de ação (TILLY, 1993) é possível notar que esta é uma estratégia utilizada para lidar com casos familiares, de maneira a empoderar sujeitos através de ferramentas como escuta empática e apresentação de novas possibilidades de arranjos nas relações. Para refletir sobre os plantões recorro ao trabalho de Heloísa Pontes (1986), ao analisar as formas de ação do coletivo SOS Mulher, que também manteve plantões regulares de atendimento com o público que procurasse o movimento, no caso mulheres em situação de violência doméstica. Os plantões ocorreram no início dos anos 1980: as “feministas” recebiam de forma voluntárias as “visitadoras”. Uma das questões apresentadas por Pontes é como raramente as “visitadoras” voltavam, pois se dirigiam ao plantão em busca de soluções concretas, e encontravam um “espaço de solidariedade e reflexão” (PONTES, 1986, p. 192). Um dos motivos levantados pela autora é que as “feministas” muitas vezes não compartilhavam das mesmas vivências das “visitantes”, e não conseguiam construir um diálogo que se prolongasse para além daquele momento.

As diferenças de realidades e de vivências também foram um limite que se impôs ao relato número 2, anteriormente apresentado. O casal de pais adventistas foi ao plantão, mas não voltou, possivelmente por questões religiosas. As Mães sabem da relevância de acompanhar os debates sobre religião e que este é um obstáculo difícil de transpor, inclusive mantendo diálogo com igrejas de denominação contemporâneas, chamadas inclusivas (NATIVIDADE, 2020) que desassocia a homotranssexualidade da ideia de pecado, e protestando na porta de igrejas evangélicas. Apesar do esforço, poucas Mães do coletivo se denominam evangélicas protestantes, o que inviabiliza a estratégia de identificação que auxilia na conexão dos pais e mães que acolhem com os que são acolhidos. Esse aspecto demonstra um dos limites da estratégia do acolhimento, uma vez que o tipo de argumentação não pode ser o mesmo, as questões religiosas de

evangélicos protestantes são específicas entre as próprias denominações evangélicas e não são acessadas de maneira fácil pelas Mães do movimento. O caso do não retorno das “visitantes” no SOS mulher e da evasão dos pais evangélicos do plantão do Mães pela Diversidade em Belo Horizonte demonstram que o acolhimento lida com questões concretas que muitas vezes são intransponíveis quando não há possibilidade de suprir a especificidade daquele ou daquela que busca pelo atendimento.

Resgato o trabalho de Natália Lago (2019) ao acompanhar o ativismo do movimento Amparar, protagonizado por mães cujos filhos estão privados de liberdade. Este grupo também dispunha de um acolhimento de escuta para as mães que compartilhavam da experiência de terem os filhos presos. Sobre este aspecto, Lago destaca por meio de uma interlocutora a dimensão ambivalente do acolhimento, pois ao mesmo tempo que uma mãe se presta a acolher outra, é também acolhida (LAGO, 2019, 124). Esta combinação se daria para além da aproximação emocional em que se identifica experiências, acontecendo pelo fortalecimento do coletivo também. Ao se aproximar do grupo para receber o conforto de alguém que entende a situação vivida, a mãe também pode ser angariada para fazer parte do movimento e fortalecer a ação do coletivo, o que traria ainda mais força para a mobilização (LAGO, 2019, 125).

É possível confrontar outros aspectos do repertório do "acolhimento" sobre o retorno ou não das pessoas atendidas. Primeiramente, chama a atenção de que tanto no caso do "acolhimento" do SOS mulher quanto no Mães pela Diversidade, o momento para encontro de "atendentes" e "atendidas" não é assistencialista, ou seja, não se propõe a disponibilizar serviços de maneira gratuita ou prestar auxílios burocráticos de alguma forma. Em oposição, o acolhimento da Amparar parte da assistência por meio da ajuda com denúncias ou contato com a defensoria pública (LAGO, 2019). Enquanto no caso do SOS mulher houve constatação de que o não oferecimento de nenhum serviço dessa natureza às mulheres em situação de violência pode ter sido a causa das baixas taxas de

retorno ao acolhimento (PONTES, 1986, p. 240), no caso da Amparar, esses serviços foram essenciais para aproximar o público ao movimento (LAGO, 2019, 122).

No caso do Mães pela Diversidade não é determinante para o sucesso ou insucesso do acolhimento a prestação de assistência para além da escuta empática, o que pode demonstrar que, ao contrário das mulheres em situação de violência e das mães de pessoas privadas de liberdade, as pessoas que recorrem ao acolhimento das Mães pela Diversidade ocupam um lugar social definitivamente mais confortável e, de fato, estão diante de uma questão íntima e emocional, mas que não estão em vulnerabilidade.

Algo que também se nota na estrutura de acolhimento entre as Mães pela Diversidade de Belo Horizonte e o prestado pela Amparar é que o acolhimento é uma via de mão dupla. Aquela mãe que atende tem uma escuta valiosa por saber por experiência própria o que a mãe que fala está passando. O lugar comum de "mãe" singulariza as experiências por estarem sob a chancela da posição mais difícil e dolorosa para se estar em relação ao sofrimento. A mãe seria aquela que mais sofre e, ao mesmo tempo, a que mais tolera, portanto, somente outra mãe poderia entender a complexidades da situação (LAGO, 2019, 124).

Ressalto a recorrente fala de Zélia sobre o plantão: “acolhimento é troca, não é uma doação.”. As Mães compreendem o momento do plantão como um aprendizado constante, o fato de aceitarem e terem orgulho de suas filhas e filhos não faz com que não continuem passivas diante das diversas situações de discriminação em suas vidas e de seus filhos. As Mães compreendem que estão em um aprendizado constante e que o acolhimento é um lugar que também as forma, “não tem nenhuma mãe pronta, todas estão encaminhadas” me disse Zélia ao relatar sobre a importância do plantão para elas. Logo, se a dificuldade para lidar com as mães evangélicas é algo que limita o desenvolvimento dos plantões de acolhimento, a partir da constante formação coletiva feita no contato com outras mães e pais, este acúmulo pode resultar em novas estratégias e argumentações para lidar com esse público.

No caso de Ana, o relato apresenta também uma semelhança com o acolhimento realizado pelo movimento Amparar (2019, p. 135). O momento do acolhimento é também uma oportunidade para formação da militância. No caso aqui apresentado, Ana foi no acolhimento, e na troca com outras mães pôde compreender que a família extensa pode ser violenta, mas que é possível se posicionar contra essas agressões. Além disso, Ana entendeu que seus sentimentos de constrangimento precisavam ser abandonados em função de entender seu filho. O contato com outras mães preparou Ana para que ela própria pudesse ser, daquele momento em diante, uma mãe que acolhe.

A análise do movimento Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte deve também levar em consideração as diversas emoções que perpassam os processos de cada trajetória no coletivo. Para isso, trago a teoria de James Jasper (2012) como suporte teórico para pensar um coletivo que abarca e desperta variados sentidos em seus espaços e ações. Para o autor as emoções estão presentes nos movimentos sociais, nas motivações dos atores, e podem ser importantes inclusive para o sucesso de um movimento.

Resgato aqui o caso de Ana, que foi levada por seu filho Matheus para o plantão de acolhimento, com uma relação familiar que aparentava estar muito desgastada. O fato de ter se encontrado com pessoas que questionaram sua postura fez com que Ana repensasse a maneira como compreendia as atitudes de Matheus. Para Jasper (2012) a reputação é uma das causas mais comuns entre as emoções que impulsionam e dão sentido à luta, e se relaciona à honra, ao orgulho ou reconhecimento básico de humanidade. Em seu posicionamento muito combativo à postura de Matheus, Ana defendia a honra de sua família nuclear diante da família extensa, compreendendo que o filho não deveria se comportar de uma maneira da qual que ela iria se envergonhar. O movimento realizado pelas mães plantonistas com Ana foi o de demonstrar que ela poderia enxergar essa questão da honra de outro prisma, ao invés de se ofender com o

filho, poderia compreender como um desrespeito aos marcadores de seu filho a maneira como a família extensa o estava tratando.

Jasper não entende que a abordagem estratégica é algo friamente calculado ou hiper-racionalizado. O autor compreende que há certas emoções em potencial das pessoas que serão recrutadas, e que os recrutadores devem transformar vergonha em orgulho, mas que a maneira como isso é feito depende muito do estigma e da vergonha. Essa tarefa é complexa, pois passa por positivar grupos historicamente marginalizados e todo sofrimento que implicam. (JASPER, 2010, p. 32)

Jasper dialoga diretamente com Britt & Heise para apresentar o exemplo do movimento gay, que viu a necessidade de se transformar vergonha em orgulho. A partir da leitura deste artigo (BRITT & HEISE, 2000) os autores utilizam uma definição cunhada por Scheff (1990) de que a vergonha é um sentimento consequente de se sentir avaliado negativamente por si ou por outras pessoas, e o orgulho por sua vez ocorre quando há uma percepção positiva da avaliação de si por si mesmo e pelos outros. Contudo, Britt & Heise compreendem que mais do que sentimentos de avaliação, o orgulho e a vergonha são refletidos nas interações entre indivíduos. Enquanto o comportamento orgulhoso ocupa a esfera pública, a vergonha relega os indivíduos a se esconder. É preciso trabalhar em diversas frentes, que envolvem diferentes processos, para realizar essa conversão. (BRITT & HEISE, 2000, p. 253-254)

Uma das ferramentas dos movimentos gays analisados no artigo de Britt & Heise em relação a essa mudança é transformar a depressão e a vergonha de sua identidade em um sentimento impulsionador da luta. Para isso, uma estratégia é apresentar dados e questões relacionadas à homofobia, pois há um entendimento que esse medo da violência iminente, ativa a vontade de lutar dos indivíduos. O sentimento de medo é substituído pela raiva, na medida em que os indivíduos entendem que não há nada de errado com eles, mas carregam um estigma da sociedade. Ao se encontrar pertencentes a um grupo que luta pelos mesmos objetivos, e identificar em outras

peças laços e identificação, é criada uma solidariedade empática, além do orgulho. Os autores entendem que o orgulho precisa ser reiterado diversas vezes, e que ele é um pré-requisito para a autoaceitação identitária. (BRITT & HEISE, 2000)

Jasper (2012) aborda que vários movimentos transformam vergonha em orgulho, assim como o caso apresentado do movimento gay. Utilizo aqui o conceito de identidade coletiva definido por Poletta e Jasper (2001) como sendo uma conexão cognitiva, moral e emocional que os indivíduos desenvolvem com uma comunidade mais ampla. É uma noção compartilhada, mesmo dizendo respeito a um traço individual, e que depende da aceitação dos próprios indivíduos em relação ao que os faz criar essa identidade coletiva, a qual é responsável por um sentimento positivo em relação a outras pessoas do mesmo grupo. (POLETTA & JASPER, 2001)

No caso de Ana, ela passou a compreender que a honra de seu filho deveria ser defendida a partir da identificação que criou com as outras mães presentes no plantão. Transformando dessa maneira, o constrangimento que estava sentido a partir do confronto de Matheus com seu tio para um orgulho de seu filho e de seu papel como mãe de um rapaz trans. Sua trajetória passou por diversos processos: diálogo constante com outras mães de pessoas LGBTQIA+, sensibilização a partir da participação de diversas ações do movimento, escuta ao frequentar os plantões de acolhimento até passar a ser uma das Mães que ali acolhiam. Ana que tentava pertencer a seu grupo familiar e o tempo todo era lembrada que Matheus era um dissidente da família extensa passou a se sentir acolhida e pertencente a outro grupo, sua identidade de mãe de um homem trans se transformou em pertencimento, luta e orgulho. Assim como no caso de Ana, Lago relata que sua interlocutora - mãe de um rapaz que havia sido encarcerado - também guardava certa distância de sua família extensa e mantinha proximidade com outras mães do movimento. Nesse caso, é possível notar que conforme o espaço da militância cresce na vida da mãe, as relações familiares sanguíneas passam a ter menor

relevância diante das relações de entendimento e reconhecimento com pessoas que experienciam vivências semelhantes às suas (LAGO, 2019, 133)

É possível notar com o caso de Ana que, como os laços afetivos que construiu com as outras mães e reconstruiu com seu filho foram responsáveis para que ela passasse a não apenas frequentar o plantão, mas a se tornar uma ativista, as emoções e sentimentos despertados no acolhimento também são utilizados por movimentos sociais para atrair novas pessoas para seu quadro de atores e atrizes (JASPER, 2012). O caminho de Ana foi passar de alguém que precisava de acolhimento para uma plantonista que se dispõe a receber pais e mães em diversas situações para dialogar sobre suas e seus filhas e filhos LGBTQIA+, e para Jasper (2012) se a questão da honra e da reputação são impulsionadoras para a participação no movimento, é o sentimento de pertencer a um grupo que mantém as pessoas como participantes ativas.

O sentimento de orgulho que agora Ana trazia consigo para sua vivência e práticas políticas ficou claro em seu enfrentamento ao comportamento de Jurandir, o pai que foi armado ao acolhimento. Mesmo em frente a uma ameaça explícita, Ana e as outras mães continuaram aquele diálogo por ter certeza e orgulho do que estavam fazendo. O plantão de Jurandir foi um dia em que a violência esteve escancarada, episódio emblemático que foi vivido por todas as pessoas que estiveram na sala de aquário naquele dia.

O Brasil é o país no mundo que mais mata pessoas LGBTQIA+⁴. Este dado por si já representa o quão violenta é a realidade nacional com essas pessoas. Mesmo sendo um local de acolhimento, construído por Mães que têm orgulho de suas e seus filhas e filhos, elas enquanto sujeitos heterossexuais também provaram do risco a que pessoas LGBTQIA+ estão expostas todos os dias. Quero dizer com isso que as Mães são deslocadas cada vez que ouvem pais e mães que propositadamente não

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2019/07/brasil-o-pais-da-diversidade-que-mais-mata-lgbtqia.shtml>

falam o nome social de uma pessoa trans, quando pais e mães dizem que não aceitam sexualidades dissidentes, quando há iminência de uma violência física, as Mães entendem que se trata de uma violência contra suas próprias filhas e filhos. Seria então uma dor pela afetação pessoal, uma dor familiar que as afetam e contra a qual militam, especialmente quando seus perpetradores são parte da família.

A ideia da afetação/afeto como motivadores para ação política traço a partir de Deborah Gould (2009), que trabalha como os sentimentos políticos ou politizados são gerados, sustentados, alterados ou não, no sentido de produzir e reproduzir relações de poder. E como as emoções coletivas e individuais articulam e constituem as formas de ativismo. As emoções e os sentimentos não podem ser desassociados de nenhum aspecto da vida humana, inclusive da atuação política. Além disso, a abordagem das emoções pode ampliar a análise do espectro de atuação dos movimentos sociais. Afetação/afeto possibilitam a construção da motivação humana, e por isso tem central importância na ação política. (GOULD, 2009)

A noção de afetação/afeto passa para Gould por algo que é sentido no corpo sensorialmente, internamente, de maneira não consciente. A emoção seria então uma noção que carrega o que foi afetado, onde o afeto encontra alguma substância. A expressão dos sentimentos pode se dar de variadas formas e nunca significa exatamente o que a afetação interna quer exprimir. Por tanto, há um processo de nomeação das emoções por meio dos sentimentos, por meio de uma aproximação. Se a afetação é um registro guardado da emoção então o processo de afetar não é exatamente racional. O afeto é, para a autora, uma das forças da mudança social, pois é através desse se sentir afetada(o) por algo que o indivíduo reconhece a necessidade que o impulsiona para promover mudança social. (GOULD, 2009)

Percebo as emoções impulsionando a ação e o ativismo das Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte. Penso que esse fator pode ampliar a análise do espectro de atuação deste coletivo no sentido de que o acolhimento pode ser um

momento de transformar, gerir e criar emoções que culminam no retorno de Mães que podem passar a ser também plantonistas. Afetação/afeto em relação às filhas e filhos LGBTQIA+ possibilita a construção da motivação para estar quase toda semana recebendo outros pais e mães, e por isso tem central importância na ação política dessas atrizes. Justamente por isso o poder e as emoções não se podem separar, pois o poder exerce a reprodução das emoções, que podem contribuir para transformações por meio dos movimentos sociais. Como o afeto é uma sensação não estruturada, mas algo que toca os indivíduos, ele explode como potencial de ação. O afeto é o efeito de ser afetado (GOULD, 2010, p. 26).

Voltando ao caso do acolhimento de Jurandir para pensar no afeto como uma sensação irracional que impulsiona para a ação, lembro que este pai fez menção a uma arma que carregava consigo, e demonstrava o tempo estar muito nervoso e discordando do que as Mães estavam trazendo para a tentativa de diálogo. Mesmo sob ameaça iminente de violência, o comportamento de todas as plantonistas foi o de continuar mesmo com o medo, depois revelado, mantendo uma postura firme. Quero dizer com isso que a causa pelo combate a LGBTfobia, principalmente quando vindo de pais e mães de pessoas LGBTQIA+, é não só uma razão lúcida, mas também um sentimento que guia essas Mães. Nesse sentido, é possível pensar que não se docilizaram mediante a uma pessoa nervosa que diz ter uma arma de fogo é uma reação de pessoas que já estão afetadas a ponto de guiar suas ações em prol da causa que defendem. A gestão das emoções se faz presente no ato de esconder o medo e permanecer firmes e assertivas, mesmo indignadas com a postura, conversar em tom franco e levar até o fim aquele momento. E continuar repetindo o discurso da aceitação mesmo em uma situação extrema, demonstra a certeza construída em relação a estarem afetadas e continuarem a seguir seu propósito de luta.

Considerações finais

O acolhimento como um repertório de ação política ocorre em coletivos e grupos que lidam com questões familiares. Percebe-se através das ações do movimento Mães Pela Diversidade de Belo Horizonte, o Grupo de Pais de Homossexuais e pelo SOS Mulher que essas iniciativas são tomadas visando enfrentar situações de violência e conflito familiares. A necessidade de acolher é imperativa quando os perpetradores de sofrimento são da mesma família e vivem sob o mesmo teto. No caso das pessoas LGBTQIA+ e suas mães e pais a situação se complexifica, pois a idealização de amor está condicionada a padrões heterocisnormativos que podem não sobreviver ao evento da saída do armário.

As questões familiares, historicamente solucionadas “portas adentro”, precisam também procurar reparo e intermediação a partir de outra família. As Mães plantonistas buscam criar empatia, enquanto os pais e mães atendidos buscam identificação. Somente a equiparação da condição de pai e mãe lidando com a mesma questão de forma diferenciada através do orgulho enquanto emoção central para construção do ativismo e da relação familiar é capaz de desconstruir e se tornar um possível repertório para aqueles pais e mães que não tinham essa expectativa em seu horizonte.

Nesse sentido saliento a necessidade que é apresentada no campo de manejar o atendimento conforme as emoções e promover relatos a partir da própria vivência como maneira de convencimento. As frases como “eu sei o que é isso”, “eu também passei por isso” servem de contraste com o atual momento, em que a mãe já ativista do movimento incentiva a mãe acolhida a fazer o mesmo esforço. Trocar a emoção de humilhação por orgulho, solidão por pertencimento, medo por coragem. Essas mães que acolhem se colocam como pessoas comuns que tomaram uma decisão, e convidam quem buscou o acolhimento a “entender” sua filha ou filho.

Essa estratégia de identificação é tão pertinente que observo que o movimento busca, na medida do possível, trazer vivências que se assemelhem com a da família sendo acolhida - como por exemplo, preferencialmente mães de pessoas bissexuais acolhendo mães de pessoas bissexuais -, por ser uma ferramenta que gera o desarme do corrente discurso: “você não entende a minha situação.”

A identificação encontra um limite quando os marcadores, e especialmente as vivências, não conseguem ser semelhantes. Especialmente para as mães evangélicas e protestantes há poucos exemplos entre as plantonistas, e isso dificulta a identificação entre as mães. Mesmo tendo mães evangélicas e protestantes no coletivo, de forma geral a religiosidade afeta os relacionamentos de maneira diferente. Como por exemplo no relato 2: enquanto o pai se mantinha intransigente, a mãe se propôs a dar alguns passos em direção a filha, reconhecendo seu nome social. Isso revela a complexidade do quadro do acolhimento. Ainda que existam limites na questão da identificação, é uma estratégia de troca que apresenta muitos resultados positivos que se transformam não só em aceitação, mas também em empoderamento, pertencimento e ação.

Referências

- BITTENCOURT, Rafael Reis. 2016. **Cidadania autoconstruída**: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AKJNM3> . Acesso em 21 abr. 2021.
- BRITT, Lory.; HEISE, D. From Shame to Pride in Identity Politics. Chapter 12. In Sheldon Stryker, Timothy Owens, and Robert White (eds.), **Self, Identity, and Social Movements**. Minneapolis: University of Minnesota Press. 2000
- DINIZ BASTOS, Camila, et al., **Entre o Espaço abstrato e o Espaço diferencial**: ocupações urbanas em Belo Horizonte Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, vol. 19, núm. 2, mayo-agosto, 2017, pp. 251-266 Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional Recife, Brasil. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-AKJNM3> . Acesso em 02 mar. 2021.
- GOUD, Debora. **Introduction: why emotion**; In: Moving politics. Emotion and act up’s fight against AIDS. Chicago: university of Chicago Press, 2009, pp. 1-48. Disponível em <https://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=QybPIEAJ9IsC&oi=fnd&pg=PR7&dq=Introduction:>

[+why+emotion%3B.+In:+Moving+politics.+Emotion+&ots=WitGpSUZpT&sig=jcKUntILHe-tMvYAXJaX0_64Gnw](#). Acesso em 18 mar. 2017.

_____. On affect and protest. In: Staiger, J, Cvetkovich, A, Reynolds, A (eds), **Political Emotions**. New York: Routledge, 18–44. 2010.

JASPER, James M. The emotions of protest: Affective and reactive emotions in and around social movements. In: **Sociological forum**. Kluwer Academic Publishers-Plenum Publishers, 1998. p. 397-424.

_____. Strategic marginalizations and emotional marginalities: the dilemma of stigmatized identities. In **Surviving Against Odds**, ed. DK Singha Roy, pp. 29–37. New Delhi: Manohar. 2010.

_____. Las emociones y los movimientos sociales: veinte años de teoría e investigación. **Revista latinoamericana de estudios sobre cuerpos, emociones y sociedad**, 3 (10), pp. 48-68, 2012. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/2732/273224904005.pdf>. Acesso em 23 set. 2019.

LAGO, Natália Bouças do. **Jornadas de visita e de luta: tensões, relações e movimentos de familiares nos arredores da prisão**. 2019. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/T.8.2019.tde-20122019-174339. Acesso em: 2021-06-10.

OLIVEIRA, Leandro. 2013. **Os sentidos da aceitação: família e orientação sexual no Brasil contemporâneo**. Tese de Doutorado. Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

PONTES, Heloisa André. **Do palco aos bastidores: o SOS-Mulher (SP) e as práticas feministas contemporâneas**. 1986. 274f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281382>. Acesso em: 15 jul. 2018.

SCHEFF TJ. **Microsociology: Discourse, Emotion, and Social Structure**. Chicago: Univ. Chicago Press. 1990.

TILLY, Charles. Contentious repertoires in Great Britain, 1758-1834. **Social Science History**, 1993, 17, p. 253-280.

_____. **Identities, boundaries & social ties**. Boulder, CO/Londres: Paradigm Publishers, 2005.

_____. **Contentious performances**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VIEIRA, Bruno. **Ativismo Juvenil e Políticas Públicas: o caso do Centro de Referência da Juventude de Belo Horizonte (MG)**. Belo Horizonte: Letramento. 2019.

“Is it here the mother’s support?”:

Support as activism in the Mães Pela Diversidade movement in Belo Horizonte

Abstract: This essay will emphasize one of the various forms of political strategies performed by the Mães pela Diversidade group in Belo Horizonte. The meetings service is provided voluntarily by activists for those seeking counseling, venturing, and meeting the group. The meetings' purpose is to connect parents who support their LGBTQ children with parents who struggle and disapprove of their children's sexual orientation and gender identity. Through the ethnography of the support meetings, which happens twice a week fixed schedule since 2017, I will discuss the meetings as a way of

activism, its developments, and how it is built with the public attending the reunions. To do so, I will first present the frames of this scenario and the implied people at the meetings. Secondly, I will present some fieldwork notes to specify different forms of welcome to the attendees, followed by the literature discussion over social movements' political repertoire actions that emphasize the complexities of support meetings service.

Keywords: support meetings; family; political action repertoire; social movements.

Recebido: 01/05/2021

Aceito:05/09/2021